

**“Entre a pedra e a estrela”:  
Astronomia e geodesia  
no *Romance d’A Pedra do Reino*  
e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta***

Érico Melo<sup>1</sup>

Suma teológica do sertão segundo Ariano Suassuna e livro-manifesto do movimento armorial, o *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971) narra uma complicada sequência de episódios relacionados à sagração do bibliotecário Pedro Dinis Ferreira-Quaderna como soberano de um enclave fictício no Nordeste brasileiro formado por sete rios e sete reinos sagrados — o Império do Sete-Estrela do Escorpião. Mas é a chegada a Taperoá de um rapaz montado num cavalo branco entre uma comitiva de ciganos, bandoleiros e animais selvagens que deflagra a fabulação romanesca propriamente dita, conectada à história política do Brasil na década de 1930.

A voz multívoca de Quaderna, aliás D. Pedro IV, preenche por saturação os 85 “folhetos” do romance, 20 deles ilustrados com xilogravuras cortadas por Suassuna. O livro se escreve como apelação judicial do quadernesco soberano, atualmente (outubro de 1938) preso na Cadeia Velha de Taperoá pela suposta participação no assassinato do rico fazendeiro Sebastião Garcia-Barretto, seu tio e padrinho, e em delitos políticos ligados à chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco. Enquanto mistura variados registros compositivos numa rapsódia de acontecimentos históricos e literários concatenados na mesma alegoria factual, o alentado depoimento pretende demonstrar ao Supremo Tribunal Federal e à nação que o prisioneiro é inocente dos crimes de sangue e subversão que lhe são imputados — e que, ademais, como senhor do Sete-Estrela do Escorpião, ele é pretendente legítimo ao trono do Império do Brasil (o Rei do Sertão naturalmente não reconhece a República de 1889). Enunciada por Quaderna como fortaleza ou marco de poeta-cantador, a peça processual também postula à Academia Brasileira de Letras (“esse Supremo Tribunal das Letras” (SUASSUNA, 1971, p. 6) que o galardão de Gênio da Raça Brasileira seja atribuído

---

<sup>1</sup> Doutor em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [ericocdemelo@gmail.com](mailto:ericocdemelo@gmail.com)

ao narrador da divertida obra-prima que se vai talhando a golpes de formão e lavrados de buril.

O epíteto monárquico de Quaderna assinala sua paixão por charadas, logogrifos e enigmas. Dom Pedro IV, o Decifrador: esse misto de rei de faz-de-conta, charadista de almanaque e espertalhão de romance de quengadas, além de sumo pontífice de uma Igreja Católico-Sertaneja por ele mesmo inventada, blasona-se a cada passo de sua virtuosidade em astrologia — “nas duas astrologias, a onomântica e a transcendental” (SUASSUNA, 1971, p. 392) —, condão profético herdado do pai mas acicatado por seu próprio horóscopo de “poeta de planeta”. De fato, em diversas passagens do romance são explícitas as referências a horóscopos de acontecimentos e personagens. Planetas como Saturno, Vênus e Marte; constelações zodiacais como Escorpião, Gêmeos (signo do narrador e de Suassuna) e Touro (que chega a merecer uma xilogravura com glifo astrológico — FIGURA 1) imiscuem-se na narração quase como agentes da trama. *A Ilíada* e a batalha dos deuses nos céus da Guerra de Troia não estão distantes desse universo sertanejo ao mesmo tempo místico, epopeico e burlesco.

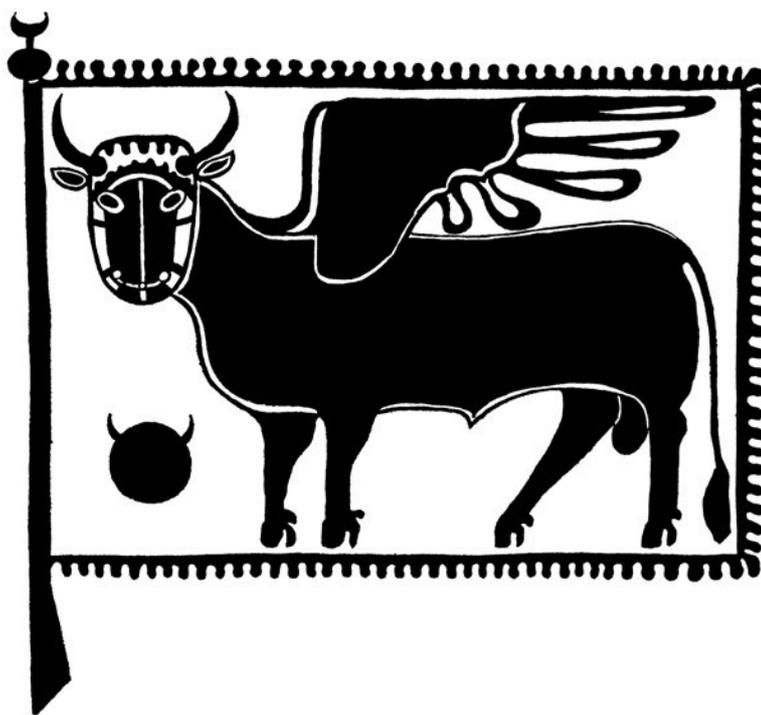


FIGURA 1 — Bandeira do Touro Alado (SUASSUNA, 1971, p. 180)

Brevemente recapitulados o enredo do romance e o singular contexto mental do narrador, é hora de propor a hipótese que fundamenta esta leitura. Em passagens de *A Pedra do Reino* para as quais Suassuna/Quaderna fornece datas e horários precisos — passagens que coincidem com episódios fulcrais —, é possível constatar, por meio da reconstituição computadorizada<sup>2</sup> da ambiência astronômica do espaço-tempo narrativo, que certos planetas e constelações em posições determinadas encenam comentários ou figurações celestes dos eventos contados. Com base nas simulações do céu do sertão paraibano nesses momentos-chave da trama, penso haver recolhido indícios bastantes para reconhecer a existência de uma dimensão astronômica na alegoria do livro. Como todo bom enigma sertanejo “mordido de cachorro da molesta” (SUASSUNA, 1971, p. 180), trata-se de um problema ele mesmo encoberto, ou melhor, ofuscado: os episódios siderais em tela se desenrolam quase todos durante o dia, quando não se distinguem estrelas ou planetas no céu — a não ser, talvez, que o observador beba do “vinho sertanejo da Malhada”, garrafada quadernesca propiciatória de visões e visagens; ou que as pistas celestes sugeridas pelas cronotopias da narração sejam pacientemente seguidas com o auxílio de um simulador astronômico.

Um esclarecimento quiçá necessário: não pretendi realizar nesta leitura uma interpretação “esotérica” ou “ocultista” de *A Pedra do Reino* com base em seus “mapas astrais”. É preciso, contudo, reconhecer a operação intermitente de uma silenciosa alegoria zodiacal-planetária no romance, calculada — suponho — com notável minúcia por Suassuna. Hesito em classificar essa alegoria de “astrológica”, porque o método aqui empregado para sua detecção e descrição é simplesmente astronômico. Além disso, embora os atributos associados aos planetas e estrelas pela tradição astrológica ocidental ofereçam úteis dados de entrada para algumas hipóteses de simulação, Quaderna ressemantiza os corpos celestes segundo as injunções do enredo e sua própria mitologia negro-tapuio-sertaneja, na qual o Leão zodiacal equivale à Onça-Pintada da caatinga, o Touro vira Touro Alado, o Capricórnio se converte em Cabra etc. Por outro lado, os cálculos zodiacais da astrologia tradicional, baseados

<sup>2</sup> Para as simulações do céu, utilizei o Stellarium, aplicativo de licença pública (*free open source*), disponível em: <<http://www.stellarium.org>>. É um *software* ao mesmo tempo poderoso e simples, não raro empregado por planetários e professores de astronomia posicional, por sua grande precisão e bonita interface visual. O Stellarium permite reconstituir a visão do céu em todos os pontos da superfície da Terra, no presente do observador ou em qualquer ponto do passado e do futuro, com *zoom* de até 50 anos-luz.

em tabelas defasadas há séculos — por conta da negligenciada precessão do eixo de rotação da Terra —, não condizem com o que se vê (ou veria) no céu dos locais, datas e horários encenados no livro. Ora, a verdade cósmica e a verossimilhança geográfica do Sertão da Pedra do Reino são premissas fundamentais do discurso epopeico do rei decifrador, *alter ego* ficcional de um dramaturgo que sabe muito bem onde situar atores, objetos e ações no palco — e nos bastidores — do texto.<sup>3</sup> A investigação demonstra, nesse sentido, que a premissa astronômica resulta mais decorosa e elegante que a astrológica ou “esotérica” para a compreensão do romance em sua plena “colossalidade” (ROSA, 1971, p. 238) de epopeia brasílica, livro-catedral com ambições totalizantes da história e da literatura nacionais segundo uma cosmologia ficcional afinada pelos parâmetros topográficos, ecológicos, históricos e, como suposto, siderais dos territórios sertanejos recriados. Com efeito, se o narrador a cada passo se declara um infalível profeta da ciência das estrelas, por que não haveria de existir uma “astronomia cenográfica” ou alegórica nos céus do teatro de pedra do Sertão da Pedra do Reino? Mas essa cenografia zodiacal e planetária, claro esteja, não diz nada sobre eventuais “significados ocultos” do texto, desacreditados de resto pela renitente galhofa autoirônica de Quaderna.

É preciso, portanto, concentrar o foco da leitura numa avaliação eminentemente literária dos céus de *A Pedra do Reino*. A solução do enigma é que o enigma não tem solução, a não ser como literatura.

### **A viagem sagrada de Pedro Quaderna entre Taperoá e a Pedra do Reino**

Império do Sete-Estrela do Escorpião do Nordeste. À primeira vista, o nome oficial dos domínios de Quaderna refere um grupo determinado de sete corpos celestes da constelação zodiacal de Escorpião. Mas, como se sabe, o Escorpião sideral é formado por numerosas estrelas. Ptolomeu, no século II d.C., contou 21, e atualmente são reconhecidos até 180 objetos na área da constelação, número que inclui apenas os astros visíveis a olho nu. Quais seriam, então, as sete estrelas de Escorpião abrangidas pela pabulagem toponímica de d. Pedro IV? Que método de seleção estelar teria empregado o Decifrador? Existe um

<sup>3</sup> À falta de computadores e aplicativos de simulação, é provável que Suassuna tenha se orientado por cartas celestes e/ou tabelas astrológicas, corrigindo estas por aquelas e pela observação direta do céu.

sentido astronômico insuspeito no topônimo fantástico de suas possessões imperiais?

A observação da ambiência astronômica do primeiro episódio significativo do drama dinástico de Quaderna indica uma possível resposta. Trata-se do final da viagem sagrada do narrador entre Taperoá e a Pedra do Reino, escudeirado pelo irmão bastardo, Malaquias, e o fotógrafo Euclides Villar. O saboroso périplo quixotesco até a Pedra acontece três anos e oito meses antes do presente da narração e ocupa o número mágico de sete folhetos (xvi-xxii). O objetivo da excursão, planejada em fins de 1934 e iniciada em janeiro de 1935, é a autocoroação do rei taperoaense segundo o devido ritual da Igreja Católica-Sertaneja, ao pé das torres da Pedra do Reino e com todos os paramentos e atributos monárquicos — coroa de couro e prata, manto de pele de onça, cetro e báculo —, mas fora das vistas profanas dos companheiros de viagem. Quaderna pretende desse modo reinaugurar o Século do Reino, cumprindo as profecias dos bisavós degoladores através da construção de um marco ou castelo de literatura, romance escrito à maneira dos cantadores e repentistas do sertão nordestino.

A Pedra do Reino é uma bizarra formação granítica no topo da serra homônima que demarca a fronteira entre os estados da Paraíba e de Pernambuco. Cenário do sangrento culto sebastianista dos reis caboclos fundadores da dinastia Ferreira-Quaderna entre 1835 e 1838, na alegoria a Pedra corresponde à Fortaleza ou Catedral de d. Pedro IV, embora seu atual paço seja o xadrez infecto de Taperoá. Estimo que a chegada do grupo de viajantes à serra e à Pedra do Reino aconteça na tarde do dia 2 de fevereiro de 1935. Pois, tendo deixado Taperoá “nos meados de janeiro” (SUASSUNA, 1971, p. 80), eles atingem a cidade de Serra Talhada no dia 30 do mesmo mês (SUASSUNA, 1971, p. 80) e despendem mais três jornadas até o destino final, entre os deslocamentos da viagem a cavalo propriamente dita e algumas caçadas e passeios a convite dos anfitriões do caminho.

Antes da coroação do imperador, no entanto, é preciso considerar outra peripécia importante, sobretudo porque “não planejada” e acontecida no mesmo dia 2 de fevereiro. Vejamos o que se passa com o delfim Ferreira-Quaderna ainda a caminho da Pedra, na lagoa do Vieira e em suas barrancas, no sopé da serra do Reino. Uma vez que o narrador informa haver deixado o povoado de Bernardo Vieira “mais ou menos” (SUASSUNA, 1971, p. 93) às

11 horas da manhã — já em companhia do fazendeiro e ex-cangaceiro Luís do Triângulo, dono da propriedade onde se situa a Pedra —, a comitiva real deve atingir a lagoa, tida na legenda como a “mina de ouro” d’el-rei d. Sebastião, por volta das 13 horas. São cerca de 13 km de estrada, com a estimativa de uma velocidade média de cavalgada a passo de 6 km/h (1 légua por hora).<sup>4</sup>

Nesse momento, um raio de Sol feriu uma incrustação de malacacheta numa pedra que havia, à esquerda, não na margem da Lagoa, mas um pouco acima, na barreira baixa, de barro esbranquiçado, dum riacho seco. [...] No chão, junto da barreira, havia uma pedra oval, branca, achatada, não muito brilhante, mais ou menos do tamanho de um pão-de-cruzado. A superfície branca era marcada por infiltrações, arroxeadas e avermelhadas, que, no conjunto, formavam, direitinho, a figura de um Escorpião, sinal astrológico e fatídico do nosso Reino, ou melhor, do Império do Sete-Estrela do Escorpião! (SUASSUNA, 1971, p. 95).

Felicíssimo acaso: uma pedrinha reluzente incrustada com a insígnia estelar do Império — cujo topônimo é enunciado pela primeira vez nessa estranha passagem. A natureza zodiacal do fortuito achamento havia sido antecipada por Quaderna poucas linhas antes.

Era um golpe favorável da Fortuna, e vinha provar, mais uma vez, que a Astrologia não falha. De fato, ainda na [fazenda] “Carnaúba”, eu consultara os astros sobre minha expedição, e encontrara o seguinte, no *Almanaque*: “Para os nascidos sob o signo de Gêmeos, o tempo será favorável, por causa dos influxos benéficos do Planeta Mercúrio. Viagem melhorará assuntos amorosos, financeiros, políticos e sociais. Grande achado. Pessoa mal-intencionada quererá intervir, mas não obterá sucesso. Seja mais observador.” Era claro, claríssimo, até! (SUASSUNA, 1971, p. 95).

Escorpião, Gêmeos, Mercúrio: vejamos como anda o céu na fronteira Paraíba-Pernambuco durante o episódio da lagoa do Vieira (FIGURA 2).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Todas as distâncias topográficas da narrativa foram estimadas com o aplicativo Google Earth. Por experiência e observação próprias, considero que a velocidade de 1 légua por hora seja compatível com os deslocamentos a cavalo de Quaderna. No episódio em tela, os cavaleiros exaustos em fim de viagem estão mais para a velocidade do passo, e não do trote ou galope, mesmo porque conversam tranquilamente durante o deslocamento.

<sup>5</sup> É meramente ilustrativa a paisagem terrestre empregada para definir o horizonte nas imagens astronômicas geradas pelo Stellarium. Preferi, por motivo de clareza, mostrar todas as vistas celestes num ambiente de simulação desprovido de atmosfera terrestre, o que explica o fato de céus diurnos serem exibidos como se fossem noturnos.



FIGURA 2 — Cenário estelar do achamento da “pedra do Escorpião”

Escorpião descendo no poente. Touro em ascensão no nascente. No círculo do zodíaco, as sete estrelas mais brilhantes das Plêiades — ou, na nomenclatura sertaneja, sete-estrela —, pertencentes à constelação de Touro (aglomerado M45), opõem-se diametralmente ao aracnídeo celeste. No início da emblemática tarde sertaneja de 2 de fevereiro, essas duas constelações antagônicas como que circunscrevem o horizonte desde lados opostos do caminho do Sol, ou eclíptica (em vermelho). No instante do achado da pedra brilhante na lagoa do Vieira, o eixo diametral (e, a rigor, infinito) que liga o sete-estrela a Escorpião demarca a leste e a oeste as fronteiras do Império, o que equivale a dizer que o Império não tem fronteiras, a não ser os limites do céu. Eis o provável significado “astrológico e fatídico” da nomenclatura “do Sete-Estrela do Escorpião”, que poderia ser, um tanto menos enigmaticamente, “do Sete-Estrela e do Escorpião” — ou ainda, “do Escorpião do Sete-Estrela”, para ressaltar a natureza intercambiável da alegoria católico-sertaneja. Como todo bom Quinto Império de araque, os domínios de Quaderna pretendem abarcar o universo inteiro com seu topônimo conciliador de duas constelações contrárias. A lagoa do Vieira e a vizinha serra do Reino, locais da sagração de d. Pedro IV, estão agora no centro do mundo. A pedra mágica da lagoa, assim, não só representa como efetivamente é todas as pedras do Sertão. Pedra angular da fortaleza do

Reino, ao encontrar o signo litológico de Escorpião e dele se apossar o bibliotecário se torna senhor *de facto* de todas as outras pedras do Império.

A megalomaniaca ambição imperialista de Quaderna é assinalada pela esfera ou orbe que ele carrega consigo e que encabeçará o cetro sagrado empunhado durante a cerimônia no altar da Pedra, poucas horas depois: “Tomei as duas varas-de-ferrão que sempre conduzia e que, para os leigos e cegos, eram simples varas de tanger boi. Enfiei no topo de uma a Esfera com Cruz que fazia dela um Cetro”(SUASSUNA, 1971, p. 106). Análoga da pedrinha de Escorpião, a “Esfera com Cruz” de d. Pedro IV compõe um orbe heráldico ou *globus cruciger*, emblema tradicional do poder monárquico sobre o céu e a terra. Não é surpreendente nesse contexto régio e armorial que, no mesmo momento em que se abaixa para recolher o calhau, o narrador descubra um velho chapéu de couro sobre uma pedra no raso da lagoa.

Ora, a Coroa que meu bisavô usara na Pedra do Reino era de metal — de prata, digamos! — e montada sobre um chapéu de couro que lhe servia de forro. [...]. Pode-se imaginar, portanto, qual não foi minha emoção, quando verifiquei que aquele [chapéu] tinha umas fendas laterais que coincidiam mais ou menos com as folhas de metal da Coroa! Não havia dúvida, era o forro que, certamente, ficara ali, jogado, no dia da batalha! Era o achado astrológico, predito pelo *Almanaque!* (SUASSUNA, 1971, p. 96).

Sob os auspícios das estrelas invisíveis, o imperador recebe dos numes da lagoa sua legítima coroa sertaneja, feita de couro bovino, isto é, de Touro. O chapéu abandonado que servirá de forro e fundamento da coroa de metal se associa “por modos e caminhos tortos” (ROSA, 1960, p. 255) ao sete-estrela do Touro, ornato brilhante da sagração do soberano da Pedra do Reino. Escorpião na pedra do chão e Touro na cabeça do rei: nova oposição diametral.

Mas vejamos, afinal, o que acontece no céu da autocoroação. Após deixar a lagoa do Vieira, a comitiva de Quaderna deve chegar à fazenda Açudinho (propriedade rural ainda hoje constante nos mapas da região) por volta das 14 horas, para a última escala logística. A sede da fazenda não é distante da lagoa: são apenas 2,5 km pela estrada que margeia as vertentes da serra do Reino. Mas da Açudinho até a Pedra, no topo da serra, há uns 5 km de subida íngreme e pedregosa realizada a pé, o que significa uma hora e meia ou até duas horas de caminhada, se se consideram as paradas para descanso e as peripécias da subida, como o episódio do tiro acidental na onça-parda. Estimei o horário de chegada à Pedra entre as 16 e as 17 horas.

Nessa ocasião régia, enquanto Touro se dirige a sua máxima altura, a vizinha constelação de Gêmeos surge no nascente (FIGURA 3). Não é difícil interpretar a deixa astronômica: trata-se da ascensão alegórica do rei, um filho do signo de Gêmeos que sobe a serra do Reino para se tornar *de jure* o senhor do imenso Império do Sete-Estrela do Escorpião. Em sentido oposto, o iminente ocaso de Escorpião na passagem da lagoa do Vieira seria um sintoma estelar da conversão do aracnídeo mitológico no pictograma gravado pelas intempéries na pedrinha recém-descoberta: as estrelas descem à Terra para se tornar pedras brilhantes.



FIGURA 3 — Cenário estelar da autocoroação de Quaderna

Resta tratar da disposição dos planetas<sup>6</sup> nos cenários astronômicos da lagoa e da coroação. Para melhor situar o ambiente planetário dessas passagens, vale a pena reproduzir um largo trecho do parágrafo final do folheto xxii, já depois do retorno da viagem à Pedra do Reino.

A Pedra do Escorpião, achada na Lagoa, juntara-se a um calhau que eu desprendera, a martelo, do sopé da Pedra do Reino. Iriam servir, ambos, de pedras angulares, a serem enterradas no pé de outro lajedo que eu escolhera,

<sup>6</sup> Na cosmologia de Quaderna, tal como na de Guimarães Rosa em *Corpo de baile*, Urano, Netuno e Plutão não entram nos cálculos planetários, apenas os sete planetas de Platão, Plotino e Ptolomeu: Lua, Sol, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Lua e Sol, como se sabe, ainda são considerados “planetas” pelos astrólogos, esses geocêntricos inveterados apesar de Copérnico, Kepler, Galileu, Newton e da NASA. Por convenção, preservarei a nomenclatura “planeta” para diferenciar os corpos do Sistema Solar das “estrelas fixas” das constelações zodiacais.

aqui em Taperoá, assenhoreando-me dele, para altar e trono das minhas liturgias. [...] De modo que tudo isso, junto, formava o chuveiro de prata, sonho e sangue que, à luz prateada da Lua, astro fêmea, e à luz incendiada do Sol, astro macho, daí em diante passaria a pingar para sempre sobre minha Coroa e meu Castelo de Pedra, com o sangue-de-aragão do sonho, da imortalidade, do poder e da glória, com o Rei Dom Pedro IV, O Decifrador, amando sete mulheres, reinando sobre os sete Reinos de seu Império, entre as águas sagradas dos sete Rios, e debaixo de um Céu que coruscava astrologicamente em cima, com as sete estrelas do Escorpião (SUASSUNA, 1971, p. 110).

Imagino que poucos céus planetários sejam mais “coruscantes” sob o ponto de vista de um astrólogo e decifrador de truz: no instante da cerimônia ao pé da Pedra — que acontece, como já estabelecido, por volta de 16–17h — e, na verdade, ao longo de todo o dia 2 de fevereiro, Sol e Lua se faceiam de perto em Capricórnio ou Cabra. No vizinho Aquário, observa-se uma tripla conjunção Vênus-Mercúrio-Saturno.<sup>7</sup> Assim, à “luz prateada da Lua”, fêmea, e à “luz incendiada do Sol”, macho, se juntam os influxos de outros três alusivos planetas na cenografia astronômica dos episódios reveladores do final da viagem e da autocoroação (FIGURA 4). Amor, beleza, inteligência e poder: o trio Vênus-Mercúrio-Saturno encontrava-se em máxima altura no horário aproximado do episódio da lagoa do Vieira. O *Almanaque Charadístico e Literário Luso-Brasileiro* não falha.

---

<sup>7</sup> Na verdade, essas conjunções permanecem ao longo de alguns dias no início de fevereiro de 1935, pois os movimentos relativos entre os planetas (incluindo a Lua) têm velocidades aparentes bem menores que o da rotação diária das estrelas fixas em torno do polo celeste sul.

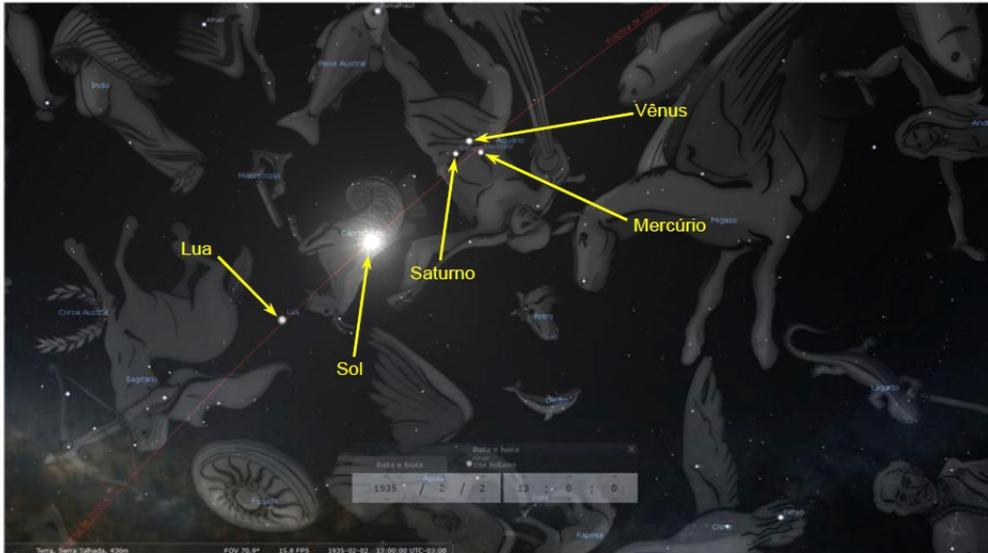


FIGURA 4 — Cenário planetário do dia 2 de fevereiro de 1935, que abrange os episódios do achamento da pedra de Escorpião e da autocoroação de Quaderna

O trecho final do folheto xxii fornece, além disso, o que parece ser uma pequena prova de consistência da hipótese aventada para a toponímia astronômica do Império. O texto fala do céu da coroação “em cima, com as sete estrelas do Escorpião”. Ora, àquelas alturas da reconsagração dinástica dos Ferreira-Quaderna na Pedra, o Escorpião já desapareceu no ocidente — mas o sete-estrela do Touro se encaminha para seu apogeu.

### A chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco a Taperoá

Quatro meses depois da coroação de Quaderna nos confins de Serra Talhada, acontece a chegada a Taperoá de Sinésio, o Alumioso.

O filho mancebo de Sebastião Garcia-Barretto reaparece no Cariri cinco anos depois de seu sequestro e suposto assassinato (perpetrados pelos mesmos degoladores de Sebastião) com uma embandeirada trupe de cangaceiros, ciganos e animais da caatinga. Dr. Pedro Gouveia, sagaz advogado, e frei Simão, misto de padre e bandoleiro inveterado, além do já citado Luís do Triângulo como chefe da tropa armada, vêm na mesma comitiva para ajudar o Rapaz-do-Cavalo-Branco a reivindicar a parte da herança em terras e cabedal que lhe cabe como legítimo Garcia-Barretto — em detrimento de Arésio,

seu belicoso irmão mais velho, e de outros potentados da vila. Na trama da amalucada alegoria factual tecida por Quaderna, Taperoá testemunha nada menos que o retorno de d. Sebastião, o monarca português desaparecido em batalha no norte da África, em 1578, que é também Sebastião Garcia-Barretto, rei degolado do Cariri agora ressurreto para anunciar o advento apocalíptico do Século do Reino. A chegada (ou retorno) de Sinésio, assim como a viagem à Pedra em janeiro-fevereiro de 1935, constitui uma posfiguração dos eventos de 1835–38 que marcaram a fundação da dinastia real dos Ferreira-Quaderna.

Lançadas as pedras angulares de seu castelo literário, d. Pedro IV cuida agora de ocupá-lo e povoá-lo à medida que o vai construindo. O dia 1º de junho de 1935 é o dia de uma vida inteira e de quase todo o livro, abarcando a maioria dos episódios narrados ao Juiz Corregedor. Como de praxe nas epopeias, esse dia decisivo se inicia *in media res*, em plena conflagração bélica: estamos no sábado, véspera de Pentecostes, “já perto do meio-dia” (SUASSUNA, 1971, p. 8) — isto é, entre 11 horas e meio-dia; por convenção, 11h30 —, e o leitor é transportado sem mais para a emboscada à comitiva do Rapaz-do-Cavalo-Branco perpetrada pelos cangaceiros de Ludugero Cobra-Preta, numa estrada a poucos quilômetros de Taperoá, a mando de poderosos locais contrariados. É o batismo de fogo do príncipe Garcia-Barretto des-encoberto, cujo retorno havia sido prenunciado pelos bandarras sertanejos, entre os quais Quaderna e seus antepassados degoladores.

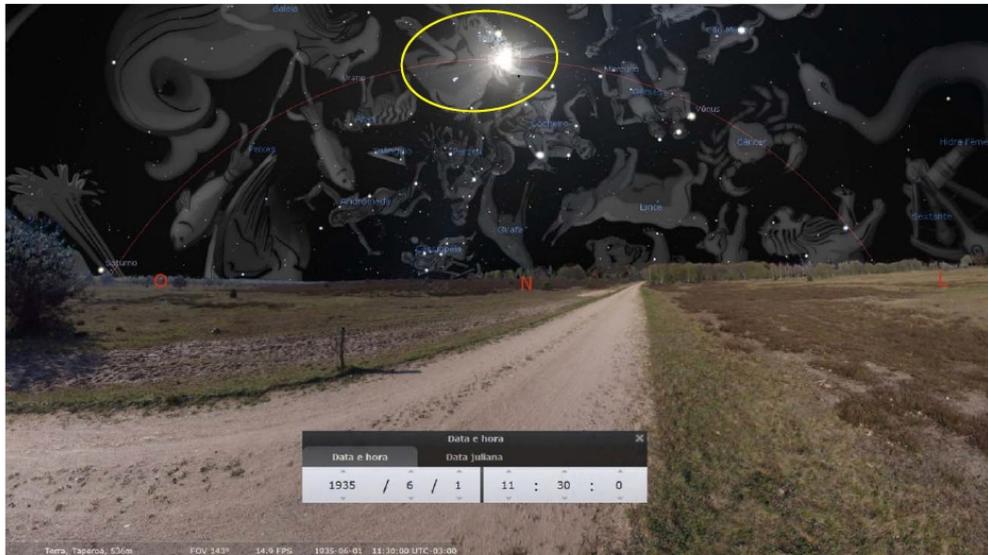


FIGURA 5 — Cenário celeste da emboscada à comitiva do Rapaz-do-Cavalo-Branco, porção visível do céu

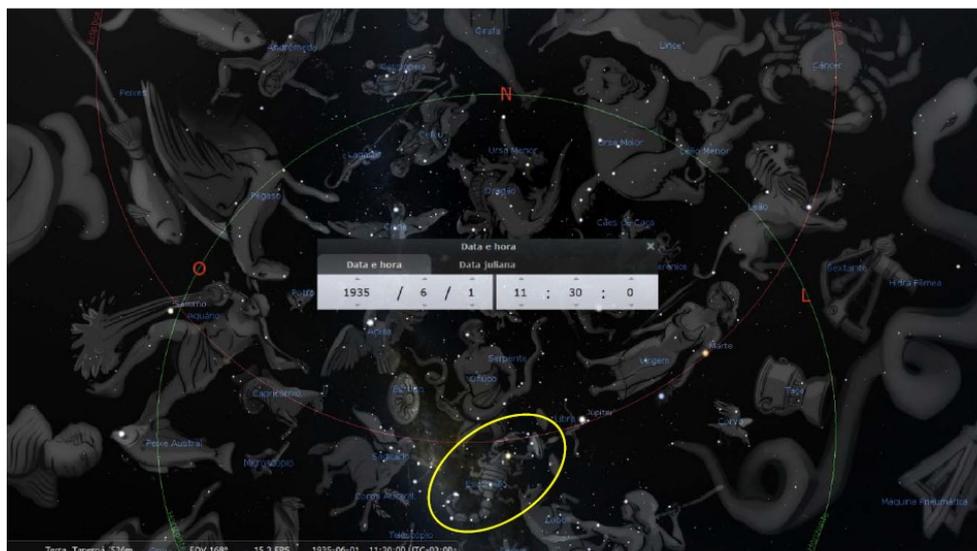


FIGURA 6 — Cenário celeste da emboscada à comitiva do Rapaz-do-Cavalo-Branco, porção do céu oculta sob a Terra; a linha verde designa o horizonte

As simulações mostram que, no momento da batalha inaugural do livro, o sete-estrela (Touro) e Escorpião estão, respectivamente, no posto mais alto e no mais baixo da eclíptica para um observador em Taperoá. São posições deslocadas em noventa graus em relação àquelas do instante do achamento da pedra de Escorpião ao pé da serra do Reino, quando, recorde-se, Touro e Escorpião se encontravam no nascente e no poente. Assim, no curso da translação natural da Terra entre fevereiro e junho, as posições relativas dessas duas constelações diametrais compõem um padrão em cruz, desenhado nas quatro direções básicas da eclíptica pela rotação do eixo Touro-Escorpião através da diacronia dos momentos-chave da sagração monárquica e da confirmação profética do imperador.

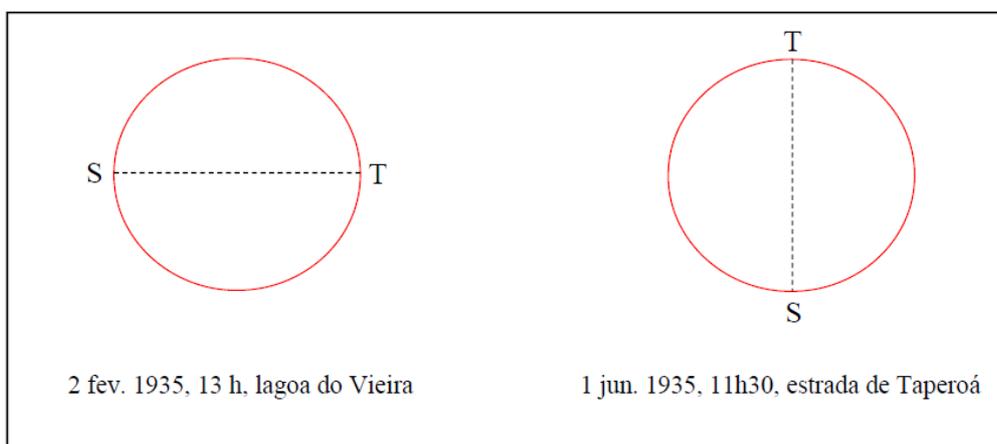


FIGURA 7 — Esquema simplificado da rotação do eixo Touro-Escorpião ( $\tau$ -s) ao longo da eclíptica entre fevereiro e junho em locais e horários-chave de *A Pedra do Reino*.

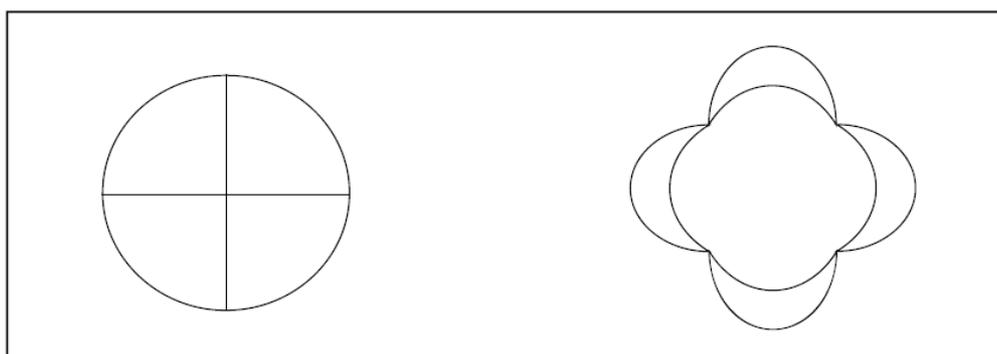


FIGURA 8 — Padrões sugeridos pela rotação do eixo Touro-Escorpião na eclíptica entre 2 fev. e 1º jun. 1935.

Tal quadro alegórico é obviamente afim da Igreja Católico-Sertaneja que preside a parte ritual das encenações quadernescas — o padrão geométrico da cruz grega inscrita no círculo se deixa ler como um esquema estilizado da “Esfera com Cruz” ou *globus cruciger* que encima o cetro imperial. Cumprida a profecia sebastianista, o emblema do poder temporal e espiritual de d. Pedro IV se completa nos céus comovidos pelo drama da sucessão real, numa composição cenográfica (conquanto invisível) não por acaso encadeada através do tempo cíclico das estrelas. Entre a sagração do rei e o retorno do príncipe, a fixidez telúrica do Touro do Sete-Estrela e a fluidez aquática de Escorpião, vida e morte, dia e noite se entrecruzam e se intercambiam nos quatro quadrantes do céu zodiacal.

Em astronomia, a cruz grega inscrita num círculo é um signo do planeta Terra: o aqui, a encruzilhada dos pontos cardeais do universo. Em 1º de junho de 1935, Taperoá é esse centro mágico. Nesse sentido, a versatilidade gráfica do símbolo geométrico em tela também permite tratar o círculo-com-cruz como um desenho simplificado da quaderna heráldica, formada por quatro crescentes que se faceiam como se delimitassem um território — neste caso, o do Império do Sete-Estrela do Escorpião e sua capital do reino do Cariri. Está assegurada pelos céus a posse completa dos sete reinos e traçado o território de seu análogo terreno, o livro.

Elucubrações geométricas à parte — e quanto às outras constelações do zodíaco? No horário meridiano do batismo de fogo do Rapaz-do-Cavalo-Branco na estrada de Taperoá, Leão (isto é, Onça) sobe rampante no nascente (FIGURA 5). O recado zodiacal me parece inequívoco: o grande felino estelar prenuncia feitos épicos e bandeirosos, luta e derramamento de sangue para a gloriosa comitiva de homens e bichos. Pois, segundo Quaderna, na mitologia sertaneja a Onça é “imagem, por um lado, de tudo o que era belo e prazeroso, e, por outro, de tudo o que era maldade, perigo e desordem” (SUASSUNA, 1971, p. 102). O ataque de Ludugero e seus asseclas afinal não consegue matar Sinésio, seu alvo principal, e *la nave va* a despeito do cerrado tiroteio e da morte de um dos matadores da comitiva.

No campo dos planetas, verifica-se sem muita surpresa uma conjunção Sol-Lua no emblemático Touro — potencializada, portanto, pela força axial do Sete-Estrela do Escorpião. A constelação de Gêmeos, ainda em franca ascensão, por sua vez abriga dois planetas de beleza e inteligência, Vênus e Mercúrio,

sinalizando que a hora magna profetizada por seu filho, o narrador, está prestes a se consumir. Gêmeos e seus planetas de bom augúrio atingem máxima altura pouco depois, minutos antes das 14 horas, quando se iniciam as cavalcadas planejadas pelo rei para incluir o povo e as autoridades — e sua própria guarda de honra de “pares de França”, trajados de azul e vermelho — na consumação da profecia sebastianista. Quaderna confirma e dá fé em seu depoimento: “Do ponto de vista litúrgico, político e guerreiro, começaria, no dia seguinte, o tempo do Fogo pentecostal. Por outro lado, do ponto de vista astrológico e zodiacal, naquele ano o Tempo de Pentecostes coincidia com a força total do Signo de Gêmeos, que é o meu” (SUASSUNA, 1971, p. 448).

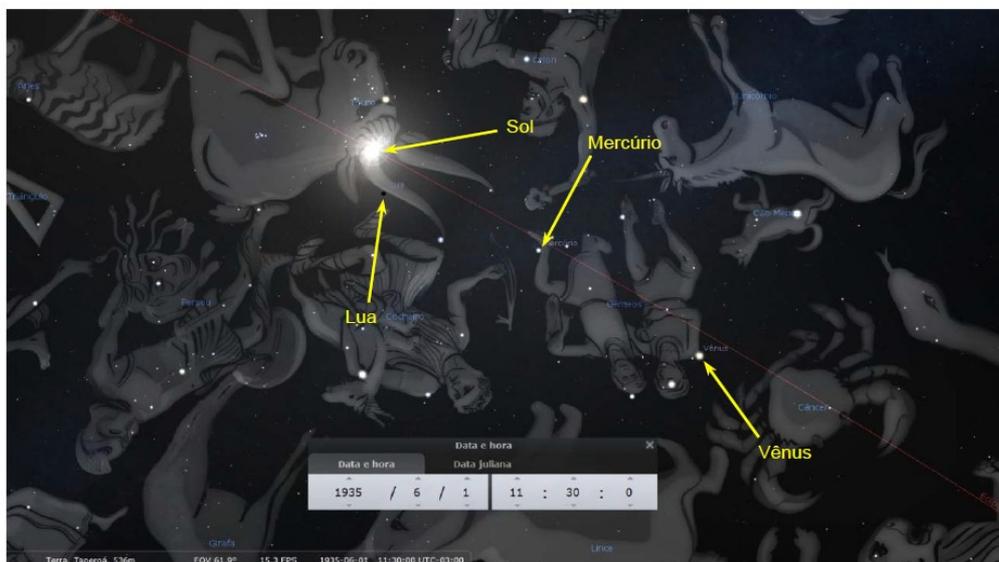


FIGURA 9 — Cenário planetário do dia 1º de junho de 1935, com a emboscada a Sinésio e sua chegada a Taperoá durante as cavalcadas

O Gavião do tempo não para. “Por volta das quatro horas da tarde” (SUASSUNA, 1971, p. 288), quando Sinésio e seu séquito afinal alcançam Taperoá (devido às paradas para descanso, almoço e enterro do matador fuzilado pelos cangaceiros de Ludugero), a Onça-Pintada ou Leão atinge sua máxima altura (FIGURA 10), seguida de perto pelo planeta Marte: fados astronômicos das correrias e arruaças deflagradas pela chegada das tropas e bichos do Rapaz-do-Cavalo-Branco — as tropelias na praça das cavalcadas, o novo atentado falhado contra Sinésio e o episódio cômico da “aventura da onça mijadeira” são referências óbvias. Marte em Virgem: a vida e a sina do príncipe-

cavaleiro-guerreiro Sinésio têm como pano de fundo a figura costurada em sua capa, Heliana, donzela estrangeirada de quem pouco se sabe mas que lhe serve de inspiração cavalheiresca e timbre armorial.

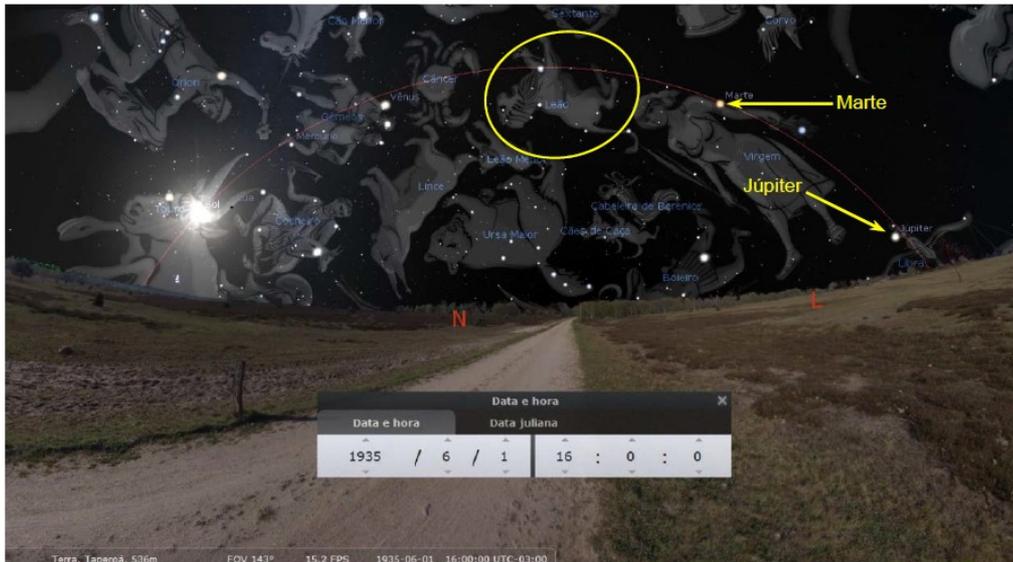


FIGURA 10 — Cenário celeste da chegada de Sinésio a Taperoá

Júpiter em Libra ou Balança, entrementes, surge no nascente. Prenúncio da intervenção do bispo de Cajazeiras na conflagrada política da vila? Pouco depois, “com o sol já descambando para o poente” (SUASSUNA, 1971, p. 415), no outro lado da rua Grande, efetivamente o venerável prelado chega à casa paroquial da Igreja Nova, chamado pelos aterrorizados “homens bons” do lugar para ponderar a situação caótica ocasionada pelo retorno de Sinésio. O velho bispo é um príncipe da Igreja muito envolvido na política e na justiça dos homens da terra — sinal enigmático desse pertencimento telúrico é o violento soco desferido por Arésio que o faz cair no chão.

O populacho, por sua vez, está concentrado na praça diante da velha casa dos Garcia-Barretto, a mesma praça das cavalhadas. Horas depois da chegada do bispo, já noite alta, mas ainda na esfera de influência da Igreja, agora a Católico-Sertaneja, a arenga do enfático frei Simão ao povo reunido em frente ao sobrado Garcia-Barretto acontece com Júpiter em Libra perto da máxima altura (antes de começar a falar, o frade dá um tiro para o alto): desta vez é a justiça divina que promete se abater sobre Taperoá. “Eu digo e garanto a vocês, meus filhos:

é que o muito tem vergonha de dar pouco e, se a justiça humana falhar, a Justiça divina absolutamente não falhará” (SUASSUNA, 1971, p. 610).

Recapitulando: após o atentado malsucedido de que Sinésio fora alvo na rua por um falso mendigo, logo em seguida a sua chegada às 16 horas, o povo acreditava que o príncipe estava abrigado na casa familiar, na praça de São Sebastião ou das cavalhadas. Na verdade, por segurança, ele fora levado sob disfarce pelas tropas de Luís do Triângulo até o acampamento dos ciganos, no alto do tabuleiro do Cemitério Novo. Quaderna, que havia conseguido alcançar a vila a despeito da duvidosa “cegueira mística” adquirida em seu Lajedo sagrado (onde estava refugiado desde o meio-dia para um solitário banquete ritual), é chamado de volta à sua “casa-de-recursos” e taverna “À Távola Redonda”, a mando do primo Arésio, que para lá se dirige por volta das 18 horas. Com a vila inteira na praça, o narrador pode se deslocar incógnito entre sua casa pegada à Biblioteca, a taverna e a casa Garcia-Barretto (pelos fundos do quintal) para testemunhar e integrar longas confabulações entre grandes personagens: o recém-chegado dr. Pedro Gouveia, Arésio, o “comunista” filho de coronel Adalberto Coura, e seus próprios mentores da esquerda e da direita, Clemente Ravasco e Samuel Wand’Ernes. As horas passam e a multidão siderada não arreda pé da praça, à espera dos acontecimentos. Diante do sobrado Garcia-Barreto, mais cedo tomado pelas forças de Sinésio, tremula uma bandeira com o emblema do Touro Alado (FIGURA 1), ao lado dos estandartes da Onça, do Gavião e do Anjo. Frei Simão pronuncia seu sermão apocalíptico. Voltamos às proximidades da meia-noite.

Já é quase domingo de Pentecostes. Saturno e sua constelação de fundo, Aquário, sobem no horizonte oriental: anúncio fatídico de um novo dia e de uma nova era em Taperoá e no Império do Sete-Estrela do Escorpião. As constelações de Escorpião e Touro invertem as posições ocupadas nos meados do dia: o sete-estrela agora está eclipsado pelas profundezas da Terra e o mundo está de pernas para o ar, entregue aos influxos de Escorpião em altura e “força máxima” (FIGURA 11).



FIGURA 11 — Cenário celeste da aparição das três Onças e da Corça, seguida pela invasão de Taperoá pelos cangaceiros de Ludugero Cobra-Preta

Na vila, entretentes,

estavam já delimitados os dois campos, com os partidários de Arésio na rua, e os de Sinésio no alto Tabuleiro que dominava a Vila. Ia se travar a luta. Houvera a primeira fase, cuja crisperação mais sangrenta fora o assassinato do velho e austero Rei, morto por degola. Surgia, agora, outra fase, a daquele enigmático Valete de Copas brotado do sangue dele e que abria a nova rodada do jogo. Encerrava-se a fase do Crime, ia começar a da Vingança implacável (Suassuna, 1971, p. 616).

O mapa desse combate iminente mostra Arésio embaixo, na “rua” ao norte — isto é, na região “central” da vila, próxima do rio Taperoá e da Igreja Nova; e Sinésio no alto do tabuleiro do Cemitério Novo, ao sul. A semelhança com o esquema Escorpião-Touro corrente no céu é patente. Sol e Lua, Touro e Escorpião, Arésio e Sinésio, opostos entre opostos se preparam para o enfrentamento final (FIGURA 12).



FIGURA 12 — Esquema geodésico e astronômico da meia-noite de Pentecostes de 1935 em Taperoá. Escala do mapa: 1 cm = 240 m

Irmão contra irmão: é o Juízo Final profetizado pela visagem do cantador Lino Pedra-Verde (outro devoto do “vinho sertanejo da Malhada”) finalmente em curso, como anunciam as badaladas frenéticas do sino da igreja de São Sebastião. Leão-Onça, seguido de perto por Marte na eclíptica, mergulha no ocidente para as profundezas da Terra. Então todos na praça contemplam a aparição ao mesmo tempo erótica e fatal das três Onças e da Corça do Divino, e o bando de Ludugero Cobra-Preta invade Taperoá, dando início às hostilidades da Guerra do Reino — o principal assunto político do inquérito contra Quaderna presidido pelo Juiz Corregedor.

### O depoimento do rei/réu

Três anos se passaram, repletos dos acontecimentos epopeicos e bandeirosos da Guerra do Reino e da viagem circense que Pedro Quaderna empreende com Sinésio e séquito para procurar o tesouro Garcia-Barretto e divulgar a monarquia católico-sertaneja — acontecimentos que o narrador, à maneira de Sheherazad, vai sempre adiando contar, e termina o livro não contando mesmo. Estamos em 13 de abril de 1938, quarta-feira de Trevas, e Quaderna sente bater a hora da verdade. “Tudo era nefasto, aziago e desfavorável, por qualquer ângulo que o encarássemos. [...] Estávamos sofrendo então, em toda a sua força fatal, os influxos do planeta Marte, que, como todos sabem, é adverso e nefasto ao

sangue humano” (SUASSUNA, 1971, p. 255). É o dia marcado para seu depoimento ao Juiz Corregedor Joaquim Navarro Bandeira, vulgo Joaquim Cabeça-de-Porco, torquemada estado-novista com fama de arguto e implacável.

Às 15 horas, quando o imperador do Sete-Estrela do Escorpião chega à Cadeia Velha para iniciar sua longa (folhetos XLIX-LXXV) arenga ao juiz, Touro em máxima altura e Escorpião no ponto mais baixo do caminho do Sol reproduzem o esquema básico do céu zodiacal durante a emboscada do Rapaz-do-Cavalo-Branco na estrada de Taperoá. Noutra comparação com o dia 1º de junho de 1935, se trata de uma configuração “verticalmente” simétrica à da tumultuada meia-noite de Pentecostes. Mas, confirmando a pessimista avaliação astral do narrador, Marte em grande altura (FIGURA 13) interfere com sua presença em Touro nas influências até então benfazejas do sete-estrela. Sol e Lua, que em fevereiro e junho de 1935 se encontravam em conjunção nas ocasiões analisadas, agora se opõem diametralmente na eclíptica. Mais uma vez em ascensão no nascente, a Onça ou Leão anuncia que coisas belas e terríveis serão contadas. É como se os fatídicos astros de outubro de 1938 se solidarizassem com a rememoração dos eventos de junho de 1935 por uma testemunha mais que privilegiada, o rei, profeta e romancista D. Pedro Quaderna.



FIGURA 13 — Cenário astronômico do começo do depoimento de Quaderna ao Juiz Corregedor

Apesar dos influxos sinistros de Marte, também é o dia do divertido duelo montado entre os preceptores de Quaderna, ocasionado por uma ofensa do integralista dr. Wan d’Ernes a Luís Carlos Prestes, ídolo máximo do comunista dr. Clemente Ravasco. O enfrentamento com penicos, verdadeiro pastelão circense com paramentos azuis e vermelhos de cavalhada, é realizado no mesmo tabuleiro alto do Cemitério Novo onde as tropas de Sinésio acamparam em junho de 1935. Como claramente informa o narrador, o “ordálio brasileiro” se inicia às 11 horas da manhã (SUASSUNA, 1971, p. 229). Nesse horário, Gêmeos surge no oriente, assim como na cena da autocoroação do imperador na Pedra do Reino: augúrio de mais uma subida glória epopeica para Quaderna, que vê o afilhado da esquerda triunfar graças a um ardil seu. Na alegoria monárquica, o duelo dos penicos é um torneio cósmico em homenagem ao rei prestes a se fazer prisioneiro para que a construção do castelo literário possa acontecer segundo o escrito de sua sina astrológica. Pouco antes do almoço, uma nova conjunção dos benfazejos Vênus e Mercúrio alcança as proximidades da máxima altura da eclíptica, na constelação de Áries. Apesar da difícil situação judicial em que se encontra, o rei está no apogeu de seus poderes de persuasão e inteligência.

O duelo termina, e os contendores vão almoçar amigavelmente. Quaderna sonha com uma visagem profética durante a sesta. Levanta-se, tem uma esquisita conversa com o velho marido de sua amante Maria Safira (sempre as pedras...), sai a esmo de casa; encontra-se com o saturnino Eugênio Monturo na amurada do rio Taperoá; tem um encontro erótico com Maria Safira na Igreja Nova; e enfim se dirige à praça onde três anos antes começou a Guerra do Reino. Entra no prédio da Cadeia Velha.

Seu depoimento dura “quatro horas” (SUASSUNA, 1971, p. 617). Graças à maestria na arte da narrativa (e talvez à proteção de Mercúrio e Vênus), Quaderna consegue não ser preso ao final do primeiro dia de seu calvário judicial, a despeito das inúmeras armadilhas preparadas pelo juiz corregedor. Volta para casa no início da noite sentindo-se novamente coroadado, desta vez como o primeiro e único Gênio da Raça Brasileira. O genial depoimento do rei-prisioneiro é a primeira de suas mil e uma noites de fabulação epopeica, destinadas a encantar e engambelar o juiz (um avatar do leitor) e assim postergar o fim do julgamento e a emissão da sentença definitiva. O final convencional do livro demarca a conclusão interminável do Século do Reino e declara a merecida consagração literária do depoente. Desde as alturas de sua

fortaleza literária recém-construída, inexpugnável embora por definição sempre inconclusa, d. Pedro IV se vangloria do grande feito. A Onça se encontra agora, às 19 horas, em altura máxima. O matreiro Joaquim Cabeça-de-Porco foi vencido na difícil primeira batalha — o fato de que Quaderna depois venha a ser preso (pois escreve de dentro da Cadeia) não importa neste momento régio e sublime.

Eu não era mais Dom Pedro Dinis Quaderna, fidalgo arruinado e pobre, Escrivão e astrólogo do Cariri: era Dom Pedro IV, O Decifrador, Rei e Profeta do Quinto Império e da Pedra do Reino do Brasil [...]. Meus méritos e minha superioridade eram, agora, indiscutíveis. Saíra da minha condição inferior de charadista, passando a respirar os ares puros do alto daquela Serra pedregosa, escarpada e sagrada, que só os gênios são capazes de escalar e dominar (SUASSUNA, 1971, p. 623).

Mas as coisas mudam, e os juízes de fancaria do Estado Novo não estavam para brincadeiras. Seis meses depois, eis-nos em 9 de outubro de 1938, ao meio-dia. Quaderna obteve permissão do carcereiro para deixar por alguns instantes o fétido xadrez no térreo da Câmara e Cadeia Velha, e agora está varrendo o salão do primeiro piso, recinto onde outrora funcionou o governo da Vila Real da Ribeira do Taperoá. É o mesmo salão onde deu o depoimento de 13 de abril, fadado a virar memorial e romance. Olha pelas janelas gradeadas sucessivamente para o oeste, o leste e o norte. “Daqui de cima, [...] o que vejo agora é a tripla face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão” (SUASSUNA, 1971, p. 3). Deita-se no chão e pensa na hercúlea tarefa que se propôs. “Na cumeeira do céu”, como poderiam atestar os astrólogos e decifradores do Cariri, Sol e Mercúrio enfim reunidos numa conjunção emblemática de inteligência e força anunciam que o livro vai começar (FIGURAS 14 e 15).

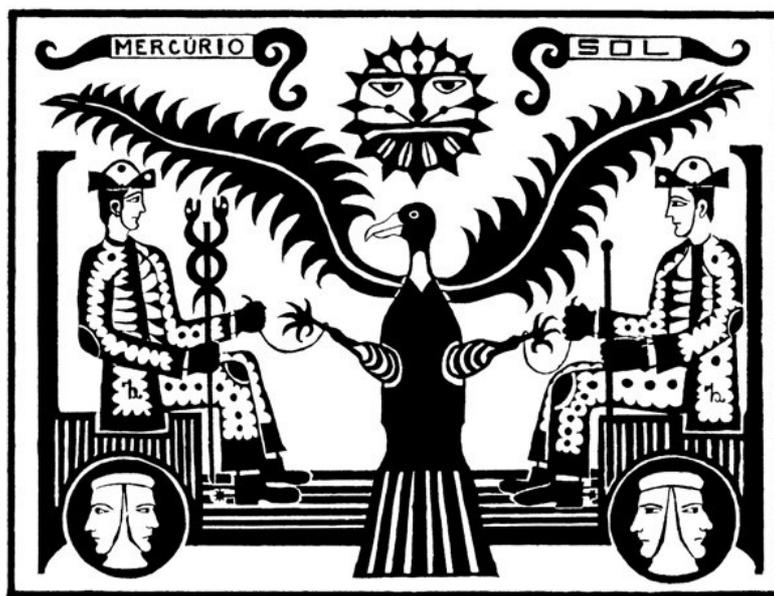


FIGURA 14 — “Insígnia astrológica de dom Pedro Dinis Quaderna, o Decifrador” (SUASSUNA, 1971, p. 186)

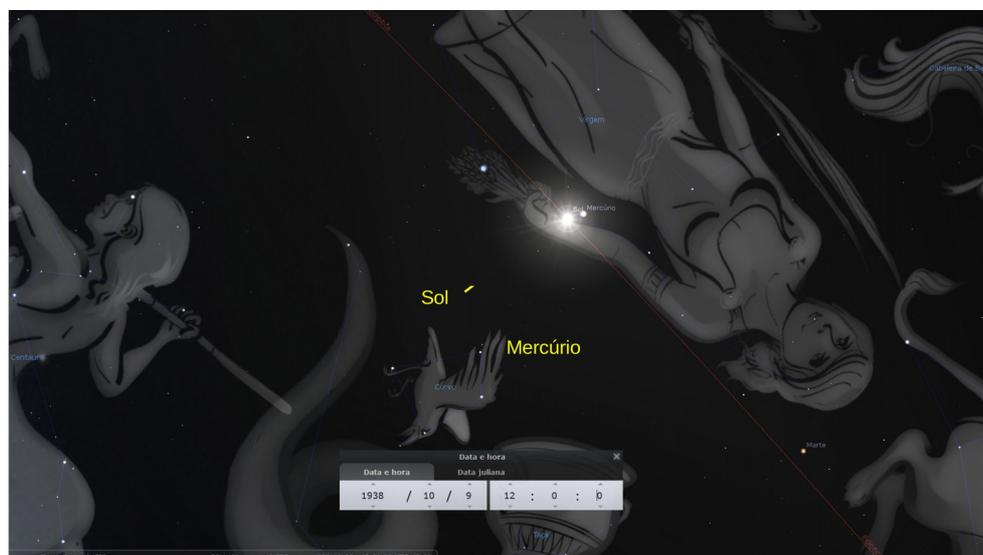


FIGURA 15 — Cenário planetário do começo do livro, 9 de outubro de 1938, ao meio-dia (folheto i)

### **Coda: a viagem do romance**

Tudo começou com a viagem sagrada de Quaderna até a Pedra do Reino. Proponho concluir esta leitura com um retorno à estrada da mesma viagem.

Realizado entre meados de janeiro e o início de fevereiro de 1935, o roteiro das maiores localidades da excursão da coroação quadernesca é assim resumido em linguagem régia pelo narrador e peregrino:

Partindo da Vila Real da Ribeira do Taperoá, farei dois pousos principais. O primeiro, ainda dentro do meu Reino do Cariri, na Vila Real da Serra do Teixeira. O segundo, na Vila Real da Princesa Isabel, Capital do meu Reino da Espinhara. Daí, cruzando a fronteira, entrarei no meu Reino do Pajeú, e entrarei triunfalmente a cavalo, como todo Cavaleiro que se preza, na Capital dele, minha muito nobre e leal Vila Bela da Serra Talhada (SUASSUNA, 1971, p. 78).

Na verdade, a sequência do texto (folhetos xv-xx) mostra que são doze ou treze as estações da viagem a cavalo entre Taperoá e a Pedra, incluindo vilas, cidades, lugarejos e propriedades rurais dignos de nota. Pela ordem: Desterro, Teixeira, Imaculada, Água Branca, Tavares, Princesa (última parada na Paraíba), Flores (já em Pernambuco, do outro lado do espigão divisor), Serra Talhada, Fazenda Carnaúba, Fazenda Belém, o vilarejo de Bernardo Vieira e a Fazenda Açudinho.

Os mapas da região atravessada pela viagem sagrada de Quaderna revelam que o trajeto acompanha de modo aproximado o divisor Pajeú-Piranhas, fronteira da bacia do rio São Francisco com as bacias do Nordeste oriental e setentrional. Mas o rastreamento cartográfico das localidades do périplo do verão de 1935 revela sobretudo que a comitiva real desenha uma espécie de explicação geodésica do método astronômico da alegoria de *A Pedra do Reino*. Orientado pela linha-guia da paisagem topográfica e hidrográfica, umas das principais fronteiras internas do Império do Sete-Estrela, o traçado da viagem do rei imita nada menos que a constelação zodiacal de Escorpião. As FIGURAS 16 e 17 exibem a afinidade entre os caminhos da terra e as linhas básicas do Escorpião celeste nos episódios da viagem sagrada.



apontando para as coordenadas da lagoa do Vieira e da serra do Reino, destino final duzentos quilômetros a oeste. A carapaça do abdome e cefalotórax do escorpião celeste transformado em mapa corresponderia ao espigão das altas serras da fronteira Paraíba-Pernambuco, que é também uma fronteira geológica: o corpo de pedra. Num desvio das serras do divisor, adentrando Pernambuco, o séquito do rei segue o curso do vale do rio Pajeú e sobe pelas nascentes do riacho Belém, até retornar à serra divisória com a Paraíba: a cauda coleante. No fim do percurso, o detalhado trajeto entre o lugarejo de Bernardo Vieira, a lagoa do Vieira, a fazenda Açudinho e a Pedra do Reino passa por representar a ponta da cauda e o ferrão enrodilhados na região da fronteira interestadual – que coincide em grande medida com a fronteira hidrográfica do espigão (FIGURA 18).

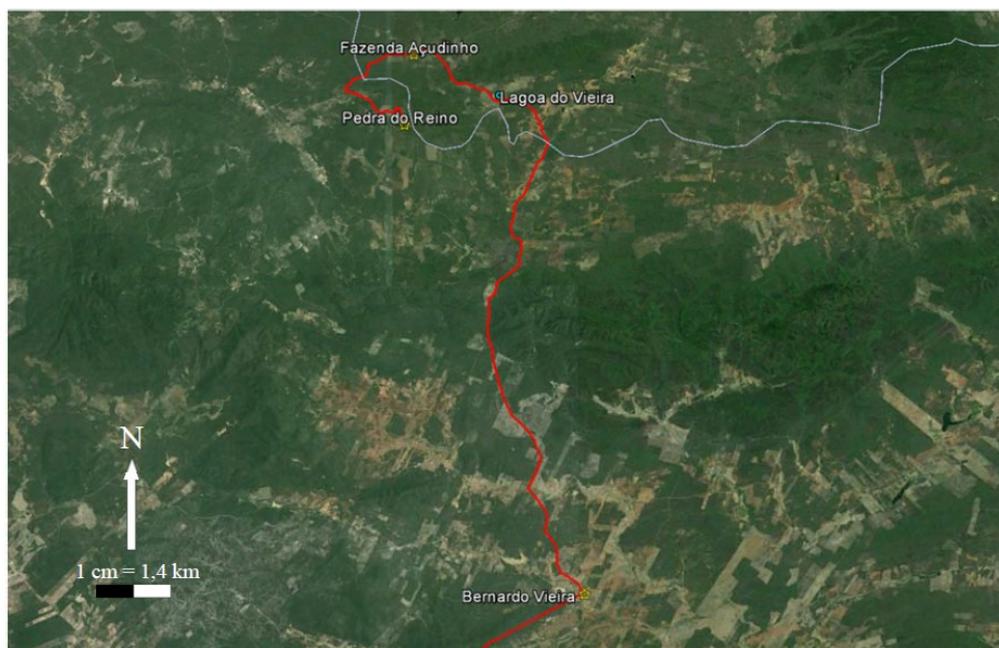


FIGURA 18 — A parte final da viagem iniciática de Quaderna (vermelho).  
Em azul, a fronteira entre Paraíba (ao norte) e Pernambuco.<sup>9</sup>

A inscrição pictográfica de Escorpião na geodesia da narrativa da viagem cristaliza de modo espetacular a recorrente conjugação zodiacal Escorpião-Touro no céu de momentos capitais do romance. O Touro da terra e o Escorpião das águas, a terra pedregosa e as águas intermitentes do Sertão, mais

<sup>9</sup> Fonte: Google Earth.

uma vez se confrontam, reconciliando-se no mapa das montanhas ancestrais de Quaderna/Suassuna. O achamento da pedrinha mágica da lagoa do Vieira seria, portanto, mera duplicação episódica da direção e do sentido da própria viagem que termina, orientada pelo caminho do Sol do oriente ao ocidente. Na cena da lagoa, o Touro invisível no nascente indica a direção de Taperoá a leste, enquanto o Escorpião aponta diretamente para as agulhas negras das torres da Pedra do Reino, local originário dos cultos de amor e morte da dinastia Ferreira-Quaderna.

Como afirma Bakhtin sobre o método espacial de Goethe, “até o próprio fundamento de uma concepção filosófica do mundo pode ser revelado em uma imagem visual simples e precisa” (BAKHTIN, 2003, p. 228). No final do percurso desta leitura coleante entre o visível e o invisível, o texto e a matéria, “entre a pedra e a estrela” (SUASSUNA, 1971, p. 242), que a imagem simples e precisa do mapa da viagem fundamental de *A Pedra do Reino* permaneça como signo indestrutível da engenhosa filosofia da composição de Suassuna. As maquinações astronômicas do romance poderiam ser reproduzidas por qualquer escritor do mundo em qualquer época da história — mas pertence exclusivamente ao Brasil essa costura céu-terra efetuada pelo desenho estilizado de Escorpião ao longo das linhas das montanhas dos reinos do Sertão, operação entropicamente irrepitível no tempo e no espaço como rito, narração e livro. Eis o recado final das pedras e estrelas na brilhante alegoria astronômico-geodésica de *A Pedra do Reino*: como demiurgo da saga astrológica e fatídica de d. Pedro IV e instalado no trono soberano da quaderna infinita que é o império do Sete-Estrela do Escorpião, o teatrólogo paraibano Ariano Villar Suassuna se autoconsagra nos postos de Rei do Sertão e Gênio do Romance em sucessão a João Guimarães Rosa (1908–1967), d. João I, o Embaixador, recém-falecido monarca fundador do Reino do Sertão do São Francisco. Terminados os anos de aprendizagem e peregrinação teatrais, no subreptício ritual dessa sucessão dinástica, Suassuna une seu próprio destino estelar ao de Quaderna, um avatar letrado e megalômano de Riobaldo e Pedro Orósio, para pleitear os postos de Epopieta<sup>10</sup> e Decifrador da odisseia literária, geográfica, histórica e — por que não? — cósmica desempenhada pelo povo brasileiro entre as pedras do sertão e da cidade no vai-e-volta das translações siderais.

<sup>10</sup> Neologismo quadernesco para “poeta épico”, à maneira de Homero, Virgílio e Camões.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ROSA, João Guimarães. O recado do morro. In: ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- ROSA, João Guimarães. São Marcos. In: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Recebido em 20 de fevereiro de 2017.

Aprovado em 29 de maio de 2017.

## Resumo/Abstract/Resumen

**“Entre a pedra e a estrela”: astronomia e geodesia no *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta***

Érico Melo

A análise astronômica do céu durante episódios-chave do grande romance de Ariano Suassuna aponta para uma minuciosa alegorização de certos planetas e constelações zodiacais. Esta leitura procura demonstrar a intensiva interpenetração entre céu e terra nos panos de fundo siderais e topográficos do livro.

**Palavras-chave:** romance brasileiro, Ariano Suassuna, astronomia, geodesia, alegoria.

**“Between the stone and the star”: astronomy and geodesy in the novel *A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta***

Érico Melo

An astronomic analysis of the sky in key episodes of Ariano Suassuna’s novel, *A pedra do reino* (The Kingdom Stone), suggests the existence of a precise allegorization of the planets and zodiac constellations. This paper endures to reveal the intensive intertwining between earth and sky in the sidereal and topographical settings of the book.

**Keywords:** Brazilian novel, Ariano Suassuna, astronomy, geodesy, allegory.

ÉRICO MELO

**“Entre la piedra y la estrella”: astronomía y geodesia en el *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta***

Érico Melo

Un análisis astronómico del cielo en episodios clave de la novela *A pedra do reino* (La piedra del reino), de Ariano Suassuna, sugiere la existencia de una precisa alegorización de los planetas y constelaciones del zodiaco. Este ensayo intenta revelar la intensiva imbricación entre cielos y tierra en los ámbitos sideral y topográfico de los escenarios del libro.

**Palabras clave:** Novela brasileña, Ariano Suassuna, astronomía, geodesia, alegoría.